

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Natália Santos Silva

Elos

Mariana
2025

Natália Santos Silva

Elos

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Adriano
Medeiros da Rocha

Mariana
2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586e Silva, Natalia Santos.
Elos. [manuscrito] / Natalia Santos Silva. - 2025.
28 f.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Medeiros Rocha.
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Doação de órgãos, tecidos, etc. 2. Doadores de sangue. 3.
Documentário (Cinema). 4. Movimentos sociais. 5. Saúde na
comunicação de massa. 6. Solidariedade. I. Rocha, Adriano Medeiros. II.
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 791.229.2

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter de Sousa - CRB6/1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Natália Santos Silva

Elos

Memorial e produto apresentados ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aprovada em 10 de abril de 2025.

Membros da banca

Doutor - Adriano Medeiros da Rocha - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Doutora - Lara Linhalis Guimarães - Universidade Federal de Ouro Preto
Mestre - Anderson Medeiros da Rocha - Universidade Federal de Ouro Preto

Adriano Medeiros da Rocha, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 14/07/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Adriano Medeiros da Rocha, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/07/2025, às 21:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0943563** e o código CRC **B2F0F4EB**.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta a produção do documentário *Elos*, desenvolvido no curso de Jornalismo, com o objetivo de refletir sobre a importância da doação de sangue e da mobilização social como práticas de solidariedade e responsabilidade coletiva. O filme retrata histórias de doadores e receptores vinculados à Associação Doe Sangue Mariana (ADSM), evidenciando o impacto das redes de apoio na vida de pessoas que dependem de transfusões sanguíneas. A pesquisa articula fundamentação teórica sobre hemoterapia, solidariedade e mobilização social com a produção audiovisual, por meio de pesquisa de campo e entrevistas em profundidade. A narrativa adota uma abordagem sensível, valorizando relatos pessoais e a construção de vínculos comunitários. Conclui-se que o documentário, enquanto linguagem jornalística, constitui-se como ferramenta de sensibilização e incentivo à participação social, contribuindo para o fortalecimento da cultura da doação de sangue.

Palavras-chave: Doação de órgãos, tecidos, etc. Doadores de sangue, Documentário (Cinema) Movimentos sociais, Saúde na comunicação de massa, Solidariedade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1. PERCEPÇÕES SENSÍVEIS SOBRE A DOAÇÃO DE SANGUE	6
1.1. Solidariedade: Perspectivas Éticas, Sociais e o Papel do Estado.....	9
1.2. Mobilização social pela doação de sangue	12
1.3. Tecnologia e comunicação na promoção da doação de sangue no Brasil.....	16
2. DOCUMENTÁRIO.....	18
2.1. O filme desejado	18
2.2 Pré produção.....	19
2.3. Escolha dos personagens e suas histórias.....	20
2.4. Referências e abordagem estética.....	21
3. TRILHAS DO FILME CONSTITUÍDO	22
3.1. Pesquisa	22
3.2. Articulação com os personagens Captação de imagens e sons.....	23
3.3. Decupagem, montagem e finalização.....	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como finalidade a constituição de um filme documentário intitulado *Elos*. O filme conta a história de pessoas que receberam doação de sangue e como esse ato solidário mudou suas vidas. Através dessas narrativas, o documentário discute e espelha conceitos fundamentais como solidariedade, doação e mobilização social, destacando a importância do altruísmo e do apoio comunitário em momentos de necessidade.

O foco principal do filme é o trabalho realizado pela Associação Doe Sangue Mariana (ADSM), que há oito anos mobiliza doadores nas regiões de Mariana, Ouro Preto, Itabirito, Ponte Nova e João Monlevade, estendendo suas atividades até os pontos de coleta na região metropolitana de Belo Horizonte. Para que esse trabalho se desenvolva, conhecemos pessoas que não apenas doam seu sangue, mas também seu tempo e disposição, organizando e incentivando outros a fazerem o bem.

A produção traz à tona histórias como a de Marcilene, técnica de enfermagem e mãe de três filhos, que participou da fundação da Associação após seu filho, Eduardo, precisar de doações. A mobilização da comunidade se torna essencial, e Marcilene, que já foi presidente da associação, hoje segue na organização das caravanas de doadores. Também conhecemos Martins, um doador ativo desde 1987, que começou a doar sangue após seu filho precisar de transfusões ao nascer, tornando-se um pilar na ADSM. A narrativa também inclui Ises, cuja experiência com seu filho Alex, que precisou de mais de 150 doadores durante um período crítico, destaca a importância da mobilização social. Fernando, pai de Pedro, de 4 anos, diagnosticado com leucemia, e Luciene, uma das fundadoras da associação, que precisou de doações após complicações no parto, também ilustram a força da solidariedade e da doação na vida das pessoas.

A iniciativa na construção desse filme também parte da minha experiência pessoal com doação de sangue. Quando eu nasci, precisei de uma transfusão devido a uma anemia. Anos depois, através de um familiar que tinha o costume de doar, me voluntariei para fazer minha primeira doação. Desde então, torno-me uma doadora efetiva, compreendo os benefícios e o quanto esse ato de solidariedade pode salvar vidas. Sempre sinto a necessidade de divulgar e

buscar caminhos para incentivar outras pessoas a fazerem o mesmo. Assim, surge a ideia de produzir este filme. Quando conheço a ADSM e vejo de perto todas as histórias que hoje são possíveis graças à solidariedade dos responsáveis, percebo o impacto positivo que podemos ter na vida uns dos outros.

Através de uma pesquisa aprofundada sobre o tema da doação de sangue em Minas Gerais, descubro o perfil da ADSM no Instagram e me envolvo ativamente. Atualmente, cerca de 60 pessoas doam sangue mensalmente por meio da associação, que já coletou mais de 5.700 bolsas de sangue, potencialmente salvando mais de 23.000 vidas.

O documentário, portanto, não apenas registra essas histórias, mas também inspira uma reflexão sobre a importância da solidariedade e da mobilização social em torno da doação de sangue, reforçando que cada ato de generosidade faz uma diferença significativa na vida de alguém.

1. PERCEPÇÕES SENSÍVEIS SOBRE A DOAÇÃO DE SANGUE

De acordo com o Dicio (n.d.), hemoterapia representa o emprego de sangue ou de produtos do sangue como o plasma sanguíneo, no tratamento de certas enfermidades”. Mas Martins et al. (2021) definem a hemoterapia como uma ação conjunta que envolve profissionais da área social e da saúde, como médicos, enfermeiros e assistentes sociais, por meio da qual doenças são tratadas a partir da administração/ingestão de sangue e derivados hemoderivados.

O primeiro registro histórico relacionado à doação de sangue aconteceu no ano de 1492, quando três jovens, sensibilizados pelo grave estado de saúde do Papa Inocêncio VIII, se ofereceram para doar sangue. Os resultados foram trágicos, levando à morte tanto dos jovens doadores quanto do Papa Inocêncio VIII (PEREIMA et al. apud MARTINS et al., 2001, p. 441). Este evento, aliado à necessidade de avanços no tratamento de certas doenças, motivou novas pesquisas sobre a doação de sangue, levando a importantes progressos na área.

Pereima et al. (2010) divide a história da transfusão de sangue no mundo em dois períodos: um empírico, que vai até 1900, e outro científico, de 1900 em diante. Ainda na era *pré-científica* surgiu o primeiro registro acadêmico sobre hemoterapia no Brasil. Este registro consiste em uma tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 27 de setembro de 1879, de autoria de José Vieira Marcondes, descendente do Barão e da Baronesa de Taubaté, e segundo Pereima:

Rejeitada por ser muito polêmica foi, entretanto, sustentada na Faculdade de Medicina da Bahia, em 30 de dezembro de 1879. Esta tese é uma monografia descrevendo experiências empíricas, realizadas até aquela época sobre a transfusão de sangue, onde se discute se a melhor transfusão seria a do animal para o homem ou entre os seres humanos. O aspecto interessante deste trabalho é a descrição detalhada de uma reação hemolítica aguda, com alterações renais e presença da hemoglobina na urina. (PEREIMA et al., 2010, p. 323).

O período *pré-científico* também foi marcado pela descoberta da circulação sanguínea, em 1616, pelo cientista William Harvey. Com base nesta descoberta, diversos pesquisadores exploraram a possibilidade de realizar transfusões sanguíneas entre animais e seres humanos. No entanto, essas tentativas resultaram invariavelmente na morte dos receptores. Devido aos resultados negativos e pouco promissores, a prática da transfusão sanguínea foi restringida em vários países. Na Europa, por exemplo, a técnica foi proibida por 150 anos (PEREIMA et al. apud MARTINS et al., 2001, p. 441).

Apesar do insucesso, se estabeleceu um resultado seguro a partir das últimas experiências relatadas: a transfusão sanguínea devia se restringir ao ser humano, e “as tentativas de transfusão de sangue passaram então para o sistema braço a braço, em que uma pessoa doava diretamente para outra” (PEREIMA et al., p. 323, 2010).

O início da *era científica* da transfusão de sangue partiu da descoberta dos grupos sanguíneos por Karl Landsteiner, em 1900, notando a presença de diferentes tipos de hemácias em amostras de sangue distintas, indicando particularidades específicas no sangue. A partir disso, surgiu a classificação dos tipos sanguíneos como "A", "B", "AB" e "O", sendo que este último, atualmente, é representado pela vogal "O". A partir disso, as transfusões foram realizadas por cirurgiões renomados, como Carrel, Crile, DeBakey e outros inovadores de destaque mundial. (JUNQUEIRA, 1979, p. 201)

De acordo com Junqueira (1979, p. 201), elaborar um histórico da hemoterapia no Brasil é uma tarefa difícil, mas muito necessária, devido ao constante crescimento desta área e por ter alcançado um alto nível de excelência. A prática transfusional no Brasil continua evoluindo, como ocorre em outros países do mundo, mas quem liderou a evolução da Hemoterapia Brasileira foram os estados do Rio de Janeiro, como capital do Brasil até 1960, e São Paulo, por ser a maior cidade da América Latina.

No Brasil, Brandão Filho e Armando Aguinaga foram pioneiros na adesão dessa prática no Rio de Janeiro. Porém, o relato mais notável ocorreu em Salvador, na Bahia, no ano de 1915, quando o professor de Clínica Médica Garcez Fróes realizou a primeira transfusão de sangue utilizando um aparelho de Agote, que ele mesmo improvisou. Nesse procedimento, 129 ml de sangue foram transferidos do doador João Cassiano Saraiva, servente do hospital, para uma paciente que havia sido operada de pólipos uterinos e apresentava metrorragia grave.

Com os avanços significativos nas pesquisas hemoterápicas, a medicina começou a utilizar transfusões sanguíneas por volta da metade do século XX, marcando um ponto crucial na história da doação de sangue, tanto em nível nacional quanto internacional. Fora do Brasil destaca-se a criação do *The Voluntary Service*, em 1921, na cidade de Londres, como o primeiro serviço especializado em transfusões de sangue que utilizava um dispositivo específico para realizar o procedimento de forma direta entre o doador e o receptor. (FERNANDES MARTINS, Vidigal et al., 2023). No Brasil, o serviço de transfusão de sangue no Rio de Janeiro é reconhecido como pioneiro, ganhando destaque na década de 1940, época em que surgiu o atual Centro de Hematologia e Hemoterapia do Estado do Rio de Janeiro – HEMORIO (PEREIRA & BASTOS, 2009; PEREIRA et al., 2010).

Esse avanço foi impulsionado por descobertas que facilitaram a adoção da transfusão sanguínea como tratamento para doenças hematológicas. Em 1942, o médico austríaco Karl Landsteiner fez uma nova descoberta sobre a especificidade do sangue: 85% das pessoas possuem um fator sanguíneo diferente dos já conhecidos, enquanto 15% não possuem esse fator, que ficou conhecido como Rh. Com base nessa descoberta, o sangue foi classificado em Rh positivo e Rh negativo, correspondendo às pessoas que possuem ou não o fator Rh. Essa inovação possibilitou a realização de transfusões de sangue e componentes entre indivíduos compatíveis e abriu novos caminhos para pesquisas sobre anticoagulantes, armazenamento e estocagem de sangue em condições *in vitro*, no qual sangue é armazenado e tratado fora do corpo, em um ambiente laboratorial. (DANTAS, 2002).

De acordo com Pereima et al. (2010), até metade dos anos 50, a prática de doação remunerada era comum tanto no Brasil, quanto no cenário internacional. No entanto, a eficácia das transfusões de sangue em situações de emergência de saúde e violência, como na Segunda Guerra Mundial, estimulou um sentimento de solidariedade em relação à doação de sangue. O conflito evidenciou a necessidade de armazenar sangue para atender feridos, surgindo assim um movimento patriótico. A doação passou a ser vista como um ato de coragem nacional, e não apenas como um favor a amigos ou familiares, estabelecendo uma cultura de doação voluntária, especialmente na Europa (PEREIMA et al., 2010).

1.1. Solidariedade: Perspectivas éticas, sociais e o papel do Estado

A solidariedade é vista por Pereima (2010) como um valor ético presente desde a filosofia do Iluminismo, como um princípio que une coletividades de indivíduos isolados. Sendo considerada uma forma de ajuda mútua e apoio. Outros autores já a descrevem como uma lei natural, ligada ao desejo de pertencer a determinado grupo e à busca de prazer, em vez de apenas um conjunto de deveres e normas.

Segundo Durkheim (in PEREIMA, 2010), a solidariedade é a força social que mantém unidos os membros de uma sociedade. No contexto do capitalismo, ela se manifesta principalmente através da solidariedade orgânica, que se distingue da solidariedade mecânica. Enquanto a solidariedade mecânica é baseada em uma coesão imposta e obrigações comuns, a orgânica surge da interdependência gerada pela divisão do trabalho. Nesta, as pessoas cooperam por afinidade e necessidade mútua, não por imposição. Durkheim aponta que a solidariedade orgânica é característica de sociedades complexas, como as capitalistas, onde a divisão do trabalho cria uma rede de relações mais profundas e interdependentes, refletindo as necessidades de cooperação para o bom funcionamento da economia. (PEREIMA et al. 2010 p. 225).

O sociólogo francês Michel Maffesoli aponta que, assim como o corpo humano, a sociedade opera como um sistema complexo e interconectado, sendo organizada por meio de experiências compartilhadas e relacionamentos interpessoais. A teoria de Maffesoli sobre a formação de tribos, focada em laços afetivos e sociais, pode ser interpretada à luz da solidariedade orgânica, especialmente quando vemos esses grupos como uma resposta à especialização e à necessidade de redes de apoio em uma sociedade capitalista. Mesmo em

formas afetivas de solidariedade, como as tribos, podem estar presentes interesses ligados ao mercado e às relações de consumo.

Embora as exigências da vida moderna dificultem a doação de sangue, existem grupos comprometidos que continuam a praticá-la regularmente e a incentivar outros a fazer o mesmo. A relevância desse gesto vai além das abordagens tradicionais, pois a doação de sangue se configura como um ato de solidariedade orgânica, que fortalece os laços entre as pessoas, em contraste com uma sociedade que prioriza a superficialidade e a rapidez. (PEREIMA et al. 2010 p.323).

Em sua abordagem, o grupo de doadores de sangue é apresentado como um exemplo de tribo. Este grupo é composto por indivíduos diversos que, apesar das diferenças, compartilham um sentimento de pertencimento e uma ética comum relacionada à doação. Através de sua participação nas atividades de doação de sangue, esses indivíduos estabelecem uma rede de apoio e solidariedade, refletindo a coesão e o suporte mútuo característicos de uma tribo.

Em um estudo realizado por Leal e Teixeira (2017), com o intuito de entender e aprofundar o conceito de solidariedade, define-se, inicialmente, o termo como “uma comunhão de atitudes e de sentimentos voltados à relação interpessoal, podendo ser aplicada às relações entre grupos e organizações” (p. 312). Mas os autores também acrescentam que essa definição, contudo, não permite uma compreensão adequada dos diversos significados que o conceito assume tanto no contexto acadêmico, quanto na esfera sociocultural mais abrangente.

Segundo Diniz (2008), a noção de solidariedade acompanha a evolução da humanidade desde seus primórdios. Em um dos clássicos já escrito pelo filósofo Aristóteles, ele destaca que o ser humano é naturalmente destinado a viver em sociedade, sendo um ser que existe, age e se relaciona dentro da comunidade, sentindo-se conectado aos seus semelhantes. Ele não pode abdicar de sua condição inerente de membro do corpo social, pois somente os animais e os deuses podem dispensar a vida em sociedade e a convivência com os outros.

Como aponta o autor, todas as nossas ações sociais podem repercutir de forma positiva ou negativa, em relação a todos os demais membros da comunidade. Sendo assim, a solidariedade, portanto, incentiva atitudes de apoio e cuidado entre as pessoas. Ela exige diálogo e tolerância e pressupõe um reconhecimento ético, levando à corresponsabilidade. No entanto, a modernidade política aponta para a necessidade de um avanço significativo em

direção à justiça social, destacando o compromisso contínuo com o bem-estar coletivo e a promoção de causas e objetivos compartilhados por todos os membros da comunidade.

Fagundes (2006) traz uma reflexão aprofundada sobre o papel contemporâneo do voluntariado e da solidariedade nas políticas sociais, destacando a crescente responsabilidade das organizações voluntárias no combate à desigualdade e à miséria, consequência da ideologia neoliberal dominante. Para compreender esse cenário contemporâneo, o autor faz uma breve análise histórica sobre o papel do Estado e das políticas públicas no contexto do atual estágio do capitalismo, ressaltando a importância de entender os eventos anteriores que moldaram as práticas solidárias atuais.

Em 1920, o capitalismo liberal enfrentou uma crise profunda, em que o livre mercado já não era capaz de enfrentar as dificuldades econômicas que se tornavam cada vez mais graves. Essa crise culminou no colapso de 1929, conhecido como “a Grande Depressão”, evento que o liberalismo clássico não conseguiu explicar nem oferecer soluções. Como resposta, o capitalismo liberal foi gradualmente substituído por uma estrutura monopolista.

Fagundes (2006) aponta que durante a década de 1970, os países capitalistas desenvolvidos enfrentaram uma crise fiscal, onde o modelo de Estado de bem-estar começou a mostrar sinais de esgotamento. A inflação e a queda na arrecadação enfraqueceram a capacidade de financiar políticas sociais, enquanto o fenômeno da financeirização e a substituição do trabalho humano por máquinas iniciaram uma revolução tecnológica. Essa crise global de acumulação levou a medidas para proteger os lucros das grandes corporações, culminando no Consenso de Washington em 1989, que promoveu políticas neoliberais como controle da inflação e atração de investimentos internacionais.

O crescimento da pobreza, decorrente das políticas de ajuste estrutural, veio acompanhado por um esforço de engajamento da "sociedade civil" através do chamado terceiro setor, que incentiva o trabalho voluntário sob o conceito de solidariedade. Nesse cenário, percebe-se que a promessa neoliberal de igualdade de oportunidades, que, teoricamente traria melhores condições de vida para todos, foi transferida para iniciativas fragmentadas e pontuais. Essas ações individualizadas acabam por substituir a responsabilidade coletiva anteriormente atribuída ao Estado, tornando a busca por justiça social um esforço segmentado, mais limitado e, muitas vezes, menos eficaz, acrescenta a autora.

Assim, o neoliberalismo consolidou-se como a ideologia dominante, promovendo a desregulamentação dos mercados, a privatização de serviços públicos e a diminuição do papel do Estado na economia. Nesse contexto, o terceiro setor (formado por ONGs,

fundações e iniciativas voluntárias) passou a ser visto como uma solução alternativa para enfrentar as questões sociais, à medida que o Estado foi se afastando de suas funções tradicionais.

Dessa forma, quando o Estado deixa de cumprir a sua função básica de gerar políticas públicas, implicando a retração estatal, transferindo responsabilidades suas para a sociedade civil, ressurge o apelo à filantropia, para o enfrentamento da questão social. Neste caso, ocorre um dismantelamento das políticas sociais, a mercantilização dos serviços sociais e a seletividade nos atendimentos, em detrimento do caráter universalizante dos direitos sociais, garantidos constitucionalmente. Por tudo isso, a política social mantém seu caráter atual, revelando um paradoxo típico da atualidade: quanto mais ela parece insustentável, tanto mais é demandada. (FAGUNDES, 2006, p. 8)

O tema da pobreza e da desigualdade social está sendo cada vez mais tratado como uma questão de filantropia e voluntariado, enfatizando a solidariedade. Recentemente, tem se fortalecido a ideia de uma “sociedade solidária”, onde o setor privado e organizações não governamentais assumem a responsabilidade pela assistência social. Isso demonstra a criação de um sistema híbrido de proteção social, que combina ações do Estado e da sociedade civil, especialmente do terceiro setor.

Na opinião de Fagundes, a desigualdade social não deve ser vista apenas como uma questão moral ou de caridade. Embora o voluntariado e a solidariedade sejam valores essenciais, às políticas sociais, especialmente as de assistência, precisam enfrentar as desigualdades como um todo. Ou seja, combatê-las exige mais do que ações voluntárias, sendo dever do Estado atuar de forma estruturada e eficaz para enfrentar as causas profundas do problema.

1.2 Mobilização social pela doação de sangue

Segundo Toro e Werneck (2004), a mobilização social vai além de manifestações públicas ou aglomerações. Para os pesquisadores, a mobilização ocorre “quando um grupo de pessoas, uma comunidade ou uma sociedade decide e age com um objetivo comum, buscando, quotidianamente, resultados decididos e desejados por todos”. (TORO; WERNECK, 2004, p. 5)

Segundo os autores, participar desse processo é uma escolha individual, refletindo a responsabilidade e a capacidade de promover mudanças. A mobilização envolve uma ação contínua, orientada para resultados e comunicação, diferindo de eventos ou campanhas passageiras. Ela requer a coordenação de ações em diferentes áreas, mantendo um compromisso coletivo com um futuro comum.

Os pesquisadores ressaltam que a mobilização social não se restringe a eventos públicos ou manifestações, mas envolve um comprometimento diário com um objetivo coletivo. A participação nesse processo deve ser voluntária e consciente, baseada na liberdade de escolha e na percepção de responsabilidade. Além disso, ela é um ato de comunicação, onde discursos, visões e informações são compartilhados, criando um senso de propósito comum entre os envolvidos. A estabilidade desse processo depende do reconhecimento de que as ações de cada indivíduo, em seu campo de atuação, estão alinhadas com as ações de outros, todos voltados para o mesmo objetivo. Neste sentido, a verdadeira mobilização social vai além do individual e alcança o coletivo, envolvendo os participantes de forma integrada. Ela só se torna eficaz quando os envolvidos se sentem parte de algo maior, contribuindo para a construção de um projeto de futuro com impacto duradouro na sociedade.

Para Toro e Werneck (2004), o princípio da mobilização social se dá quando uma pessoa, grupo ou organização decide promover uma visão compartilhada e trabalhar coletivamente para alcançá-la. Nesse processo, os papéis apresentados podem ser desempenhados por múltiplos indivíduos ou instituições em conjunto, ou uma única pessoa ou entidade pode assumir várias funções simultaneamente. O essencial é que esses papéis sejam assumidos, guiados pelos valores, critérios e preocupações discutidos.

Toro e Werneck (2004, p. 8) defendem a necessidade de o ser humano assumir sua responsabilidade perante à sociedade na qual está inserido:

Não aceitar a responsabilidade pela realidade em que vivemos é, ao mesmo tempo, nos desobrigarmos da tarefa de transformá-la, colocando na mão do outro a possibilidade de agir. É não assumirmos o nosso destino; não nos sentirmos responsáveis por ele porque não nos sentimos capazes de alterá-lo. A atitude decorrente dessas visões é sempre de fatalismo ou de subserviência, nunca transformadora (TORO; WERNECK, 2004, p. 8).

Segundo os pesquisadores, o planejamento de uma mobilização social envolve cinco dimensões principais:

a) Definir claramente o propósito do movimento, conhecido como "imaginário";

- b) Identificar os envolvidos, que desempenham papéis como Produtor Social, Reeditor e Editor;
- c) Explorar e definir o campo de atuação;
- d) Criar um sentimento de coletividade entre os participantes;
- e) Avaliar os resultados do processo.

O conceito de *imaginário*, conforme abordado por Toro e Werneck (2004), é essencial no planejamento de processos de mobilização social. Ele refere-se à articulação clara e atraente do propósito do movimento, que deve capturar o interesse e a paixão das pessoas, indo além da simples razão e tocando o emocional dos participantes. O imaginário deve sintetizar os grandes objetivos do movimento de maneira convincente, os autores citam como exemplo o fato histórico de Moisés ao liderar a saída do povo judeu do Egito (p. 20). É crucial que o imaginário expresse um desejo coletivo, promovendo um propósito compartilhado que não é apenas a realização de sonhos individuais, mas um objetivo comum.

No processo de mobilização social, Toro e Werneck identificam três figuras principais: o Produtor Social, o Reeditor e o Editor. O Produtor Social é responsável por criar as condições econômicas, institucionais e técnicas necessárias para a mobilização. Este papel exige um propósito claro, sendo fundamental para inspirar e compartilhar objetivos com outros participantes, que, por sua vez, ajudam a expandir e alcançar esses propósitos. O Produtor Social deve respeitar e promover a autonomia dos participantes, especialmente no Brasil, onde historicamente as pessoas tendem a seguir decisões de seus superiores sem questionamentos. Dessa forma, é importante incentivar a participação ativa e a tomada de decisões individuais, essencial para criar uma cultura de colaboração e sucesso na mobilização social.

Por outro lado, o Reeditor é uma pessoa ou entidade reconhecida socialmente, como educadores, líderes comunitários ou sacerdotes, que têm a capacidade de adaptar e reinterpretar a mensagem para seu público específico. O papel do Reeditor é crucial para reforçar a democracia e a cidadania, ajudando a ajustar a mensagem às necessidades e percepções do seu público. Já o Editor é o profissional de comunicação responsável por adaptar e estruturar a mensagem de forma a garantir que ela seja compreendida e utilizada corretamente pelos Reeditores. Este papel é vital para a eficácia da mobilização, pois a forma como as mensagens são editadas pode influenciar diretamente a sua recepção e impacto.

Toro e Werneck ressaltam que o *campo de atuação* se refere à forma como as pessoas podem participar do movimento, conforme suas práticas diárias e habilidades. Para engajar os participantes, é essencial fornecer informações claras sobre metas, objetivos e a situação atual

da mobilização. Assim, as pessoas devem sentir-se seguras em relação ao respeito pela sua perspectiva e acreditar que sua contribuição é valorizada. Além disso, é importante que o projeto de mobilização ofereça explicações detalhadas sobre os problemas a serem resolvidos e as ações possíveis dentro do campo de atuação de cada participante.

Para os autores, a *coletivização* é o processo de criar um sentimento de unidade e pertencimento entre os participantes, fazendo com que eles sintam que suas ações são parte de um esforço coletivo maior. Os autores citam a Pastoral da Criança no atendimento à saúde infantil como um exemplo de coletivização. Nela, líderes comunitárias acompanham as crianças de suas comunidades, carregando símbolos que remetem ao seu objetivo principal, como o acesso à saúde e desenvolvimento infantil. Assim, elas se sentem parte de algo maior, ganhando reconhecimento e desenvolvendo um senso de pertencimento, o que fortalece a conexão e legitima sua atuação. Para alcançar a coletivização, é necessário que ocorra a circulação de informações e dos resultados, incentivando os participantes a se sentirem proprietários do movimento e a valorizar sua contribuição (TORO e WERNECK, 2004, p.52).

Monitorar os resultados obtidos através da pastoral, como o número de crianças atendidas, a melhoria na saúde infantil ou o aumento de voluntários envolvidos, é essencial para avaliar o avanço e manter o entusiasmo dos envolvidos. Definir critérios e indicadores que mostrem o impacto das ações ajuda a manter as pessoas engajadas e a atrair novos participantes. A comunicação é fundamental nesse processo, pois permite o compartilhamento eficaz de informações e a expansão do envolvimento. Para isso, é importante que a comunicação seja bem planejada, usando diferentes abordagens (massa, macro e micro) de acordo com o público e os objetivos da mobilização. Conforme Toro e Werneck, “Não se faz mobilização social com heroísmo. As mudanças são construídas no cotidiano por pessoas comuns, que se dispõem a atuar coletivamente, visando alcançar propósitos compartilhados”. (TORO e WERNECK, 2004, p. 26)

Por fim, não existe mobilização social sem a comunicação, responsável em alcançar e engajar as pessoas no movimento. Toro e Werneck destacam que a mobilização se realiza quando ideias e informações são compartilhadas e geram ações concretas. O objetivo é divulgar amplamente todas as informações relacionadas ao movimento, permitindo que as pessoas tomem decisões conscientes sobre sua participação. A comunicação aumenta a credibilidade do movimento, podendo atrair mais participantes.

De acordo com os pesquisadores, existem três tipos de comunicação: de massa, que atinge um público amplo; macro, que segmenta o público por papel social; e micro, que foca

em grupos específicos. A comunicação pessoal e direcionada tende a ser mais eficaz. A comunicação de massa é útil para dar visibilidade à causa, mas deve ser complementada por abordagens mais diretas e personalizadas para garantir maior engajamento (TORO e WERNECK, 2004, p.58).

1.3 Tecnologia e comunicação na promoção da doação de sangue no Brasil

O Brasil já enfrentou grandes crises nos bancos de sangue, especialmente durante o período da pandemia da COVID-19, em 2020, em que, segundo o Ministério da Saúde, foi identificada uma queda de 10% entre os doadores em todo o país, devido ao crescente número de casos da doença (BRASIL. Ministério da Saúde). Atualmente, apesar do aumento das doações, há um reconhecimento de que o número de doadores poderia ser maior. Como apontam dados do Sistema Único de Saúde, em 2022, houve cerca de 3,1 milhões de doações por meio do próprio órgão. Em termos percentuais, isto significa que 1,4% dos brasileiros doam sangue aos hemocentros. (BRASIL. Sistema Único de Saúde).

O hematologista Guilherme Muzzi relatou à revista Valor Econômico que esse indicador coloca o Brasil dentro da margem recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e explica: “O ideal é que a quantidade de doadores por país seja de pelo menos um a 3% da população local. Ou seja, o Brasil está dentro desta faixa, embora pudesse dispor de mais doadores”.¹

Em um estudo realizado em 2014, por Malheiros e outros acadêmicos da Faculdade de Medicina de Campos e conduzido pela doutora em Biociência e Biotecnologia na UENF, Annelise Maria de Oliveira Wilken de Abreu, o objetivo foi analisar os fatores que influenciam a decisão de doar sangue e avaliar a percepção dos doadores em relação ao processo de doação. A pesquisa focou na compreensão dos motivos que levam as pessoas a se tornarem doadoras e como elas percebem a experiência da doação. A pesquisa foi realizada no Hemocentro Regional de Campos (HRC), que atende a 15 municípios das regiões Norte e Noroeste Fluminense.

A investigação foi desenvolvida entre setembro e outubro de 2012 e envolveu 100 doadores, selecionados aleatoriamente. Os pesquisadores aplicaram questionários e

¹ Trecho da entrevista de Guilherme Muzzi, retirado da revista Valor Econômico, publicada em 12 de junho de 2024.

entrevistas para entender os motivos que levaram os indivíduos a doar sangue, as características sociodemográficas dos doadores e suas experiências com a hemoterapia.

Os resultados mostraram que a solidariedade foi a principal motivação para a doação, com 56% dos homens e 54% das mulheres citando esse motivo. A necessidade de ajudar familiares também foi um fator relevante, especialmente entre as mulheres (46%). A pesquisa revelou que apenas 10% dos doadores relataram insegurança em relação à doação, com o medo de dor sendo o principal motivo de desconforto. A análise das respostas também destacou o impacto positivo das campanhas de conscientização, que ajudaram a 43% dos doadores a decidirem participar.

A maioria dos participantes (95%) considerou a experiência de doar sangue positiva e 98% manifestaram o desejo de doar novamente. Os autores concluíram que a manutenção de uma boa relação entre doadores e a equipe do hemocentro, bem como a intensificação das campanhas informativas, são fundamentais para aumentar a fidelização e o número de doadores. A pesquisa evidencia principalmente a importância de entender os motivos da doação e a influência das estratégias de comunicação para assegurar um estoque de sangue estável e seguro.

Já em 2018, um estudo sobre o impacto do Facebook na promoção da doação de sangue no Brasil foi realizado por Silva et al. A pesquisa se concentrou em avaliar como a plataforma pode ajudar a mobilizar e engajar as pessoas em campanhas de doação. O estudo examinou como o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e estratégias de marketing social podem aumentar o número de doadores. Destacou-se a importância da governança para o sucesso dessas estratégias. O Facebook foi identificado como uma ferramenta essencial para comunicação e engajamento social, oferecendo muitos recursos para ajudar a promover campanhas de doação.

Os resultados mostraram que o Facebook tinha um papel significativo na mobilização e engajamento do público, com muitos impactos positivos nas campanhas de doação. Usando uma abordagem etnográfica e análise estatística descritiva, o estudo avaliou a interação dos usuários na página do Centro de Hematologia e Hemoterapia do Ceará (Hemoce) entre julho e dezembro de 2017. A análise revelou que o Facebook não apenas facilitou a comunicação e a mobilização, mas também fornece dados valiosos sobre o comportamento dos usuários, ajudando a manter os estoques de sangue e a promover a doação como um ato de cidadania.

Os dados coletados foram organizados para identificar temas como o uso da rede social enquanto uma ferramenta eficaz para organizar e implementar estratégias de comunicação, o engajamento dos seguidores nas causas relacionadas à doação de sangue,

com destaque para o papel da rede social em aumentar a visibilidade e apoio da comunidade e o envolvimento dos seguidores na promoção da saúde, oferecendo novas perspectivas para a comunicação e o marketing na área da saúde.

Diante dos estudos apresentados, é possível concluir que as tecnologias de informação e comunicação têm se consolidado como aliadas indispensáveis nas estratégias voltadas à promoção da doação de sangue. Elas não apenas ampliam o alcance das campanhas, mas também fortalecem o vínculo entre os hemocentros e a população, criando um espaço contínuo de diálogo, mobilização e engajamento. O uso consciente dessas ferramentas, aliado ao conhecimento sobre os fatores que motivam a doação, revela-se essencial para garantir a sustentabilidade dos estoques e construir uma cultura solidária, constante e participativa em torno da doação de sangue no Brasil.

2. DOCUMENTÁRIO

2.1. O filme desejado

A Associação de Doadores de Sangue de Mariana (ADSM) desempenha um papel crucial na mobilização de voluntários para doação de sangue, oferecendo suporte vital a quem mais precisa. O impacto desse trabalho solidário é profundo, tanto para os receptores quanto para os doadores, que se tornam parte de uma rede de apoio essencial para salvar vidas. Mostrar essa iniciativa é uma maneira de destacar a importância do voluntariado e da solidariedade em ações sociais, incentivando outras pessoas a participar e contribuir.

Segundo Nichols (2016, p.100) Os documentários apresentam um ponto de vista sobre o mundo em que vivemos. [...] Eles não apenas registram o mundo, mas também o interpretam, logo o papel do audiovisual não é apenas transmitir informações, mas criar uma conexão emocional real. Através de imagens e sons, conceitos como solidariedade se tornam mais palpáveis. No meu caso, ao abordar temas como a doação de sangue, vejo o poder do audiovisual em tocar as pessoas e motivá-las a agir. Essa linguagem transforma histórias em vivências, engajando o público de uma maneira singular entre as diversas formas de comunicação. Essa capacidade de gerar reflexão e provocar mudanças é o que me move a escolher o audiovisual como minha ferramenta.

Contar essas histórias em um documentário é essencial e cada vida salva representa uma vitória da mobilização social, e a ADSM é a força que conecta doadores, organiza

caravanas e fortalece os laços de amizade e solidariedade, promovendo um movimento contínuo de apoio à vida.

2.2 Pré produção

Segundo Nichols (2005, p.100), o documentário se diferencia de outras formas audiovisuais por propor uma representação do mundo real que mobiliza elementos como entrevistas, imagens de arquivo e cenas do cotidiano, com o objetivo de provocar reflexão e engajamento no espectador. Com base nessa proposta, a abordagem do documentário visa uma estética natural e autêntica, priorizando a captação dos momentos com o mínimo de interferência. A construção das cenas foi pensada para acompanhar os doadores desde a saída de suas casas até a chegada ao local de doação, registrando momentos como o embarque nos ônibus, as interações espontâneas entre os participantes, conversas informais e o compartilhamento de suas experiências.

Também foi planejada a captação de todas as etapas do processo de doação: o cadastro, a entrevista prévia, a higienização das mãos, o momento da coleta e o lanche após a doação — elementos que evidenciam o ciclo completo dessa ação solidária.

Em relação ao som, a trilha será composta por músicas livres de direitos autorais e sons diegéticos — aqueles produzidos no ambiente da gravação, como ruídos dos ônibus, conversas e sons ambiente. Além disso, serão utilizados efeitos sonoros de notificações de redes sociais, como WhatsApp e Instagram, para enfatizar o papel das plataformas digitais na mobilização dos doadores.

Essas escolhas visam aproximar o público da realidade vivida pelos personagens, valorizando a espontaneidade e reforçando o caráter social e coletivo do ato de doar sangue, ao mesmo tempo em que evidenciam como a mobilização nas redes contribui para transformar pequenos gestos em grandes ações solidárias.

2.3. Escolha dos personagens e suas histórias

O documentário se inicia com imagens dos ônibus da caravana, principal meio de transporte das pessoas que vão doar sangue e elemento central da narrativa. Essas cenas inaugurais já trazem fragmentos que introduzem o tema ao espectador, como as camisas dos doadores com mensagens sobre a Associação Doe Sangue Mariana, a listagem dos nomes sendo atualizada em uma planilha pelo organizador da caravana, além de registros descontraídos de conversas entre os participantes, sem o formato direto de entrevista. Em uma espécie de roda de conversa, os doadores compartilham experiências de forma espontânea, sempre com legendas para facilitar o entendimento, especialmente quando o barulho externo interfere na clareza. A proposta é construir uma atmosfera natural e livre, sem que os participantes sintam a pressão de falar de forma ensaiada, permitindo que se expressem com autenticidade o que é enfatizado por Nichols (2005, p. 93), que defende o uso de "autenticidade" e "intimidade" para criar um envolvimento mais direto do público com os personagens.

Logo após essa introdução, entra em cena a primeira personagem: Marcilene, uma das fundadoras da Associação e principal organizadora das caravanas. Ela aparece em ação, exercendo sua liderança, acolhendo novos doadores, explicando o processo e orientando sobre os cuidados antes da doação. Em seguida, compartilha seu relato pessoal, contando como se envolveu com a causa após seu filho Eduardo precisar de uma transfusão.

Ao longo do documentário, Marcilene também introduz os demais personagens, fazendo uma breve apresentação antes de cada depoimento. Cada um narra sua história de forma mais aprofundada, reforçando o elo entre doadores e receptores. Cenas recorrentes dos ônibus e do ambiente da doação retornam durante o filme, costurando as histórias e reforçando a conexão entre quem doa e quem recebe. Essa abordagem está alinhada com as ideias de Jean Rouch (2003, p. 37), que explorava a maneira como o documentário pode captar a vida das pessoas de maneira orgânica, mantendo a narrativa fluida e interligada.

Entre os personagens documentados, estão:

a) Pedro, de quatro anos, uma das figuras centrais, é mostrado em momentos leves, brincando e sorrindo. Enquanto essas imagens são exibidas, seus pais contam a história de seu tratamento contra a leucemia e ressaltam a importância das transfusões para crianças em

tratamento oncológico. O relato dos pais aparece em off, criando uma conexão emocional entre a luta de Pedro e a solidariedade dos doadores.

b) Luciene, também fundadora da Associação, hoje não pode mais doar sangue devido a complicações de saúde após o parto das filhas gêmeas, quando precisou de cinco bolsas para sobreviver. Mesmo assim, permanece engajada, mobilizando doações e mantendo seu nome no cadastro de doadores de medula óssea. Sua história reforça que o compromisso com a causa vai além da doação em si.

c) Martins, doador veterano de Mariana, começa a doar sangue em 1987 após seu filho precisar de uma transfusão ao nascer. Desde a criação da ADSM, mantém sua constância nas doações e hoje é o mais antigo doador da associação. Ele compartilha o orgulho de ter ajudado tantas vidas e a emoção de ver a comunidade unida por uma causa comum.

d) Isis, mãe de Alef, relata como a mobilização da Associação foi decisiva para salvar a vida do filho, que ficou em coma por 40 dias e precisou de mais de 150 doações. Dois ônibus de voluntários saíram de Mariana para ajudar. Hoje, Alef segue em hemodiálise à espera de um transplante de rim. O depoimento de Isis mostra a força de uma rede solidária em momentos de extrema vulnerabilidade.

Por meio do entrelaçamento dessas histórias, o documentário constrói um retrato sensível e impactante sobre a importância da doação de sangue na vida de quem precisa, exaltando a solidariedade como um ato transformador.

2.4 Referências e abordagem estética

Esteticamente, o filme documentário será inspirado em produções como *O Cárcere e a Rua* (2005, dirigido por Liliana Sulzbach), que utiliza uma abordagem fluida e orgânica para contar histórias simultâneas de forma entrelaçada. A ideia é evitar uma narração tradicional, deixando que os próprios personagens e suas histórias conduzam o filme. O uso de cenas intercaladas de trajetos e entrevistas cria um fluxo contínuo de narrativas, que se complementam ao longo do documentário. Como afirma Marcel Martin (2005, p. 69), “a

montagem é o coração do filme. Ela permite associar ideias, emoções, ou realidades aparentemente desconectadas”, o que sustenta a proposta estética adotada aqui.

Durante o filme, as cenas dos ônibus, das doações e das interações voltarão a aparecer para reforçar a ligação entre o ato de doar e o impacto direto nas vidas dos receptores. O objetivo é que o espectador compreenda a magnitude da solidariedade envolvida, ao ver as histórias dos doadores sendo entrelaçadas com as dos receptores. Ao mostrar os desafios e as vitórias pessoais, o documentário pretende inspirar outras pessoas a se mobilizarem e participarem de iniciativas como a ADSM.

Por fim, a estruturação fluida e a escolha por uma narrativa sem intervenções diretas criam um ambiente com histórias poderosas e cenas emocionantes que falam diretamente ao coração do espectador. Essa abordagem se aproxima do que Bill Nichols (2010, p. 172) chama de “modo performático”, em que a subjetividade e a emoção são reconhecidas como formas legítimas de conhecimento e expressão no documentário.

3. TRILHAS DO FILME CONSTITUÍDO

3.1. Pesquisa.

Saí da minha primeira reunião de orientação com entusiasmo e motivação, mas com um grande desafio pela frente: encontrar uma história ou personagem que fundamentasse e ecoasse a voz da mensagem que eu queria transmitir.

Minha primeira iniciativa foi retornar ao ponto de origem do meu interesse pela causa: os postos de coleta de sangue. Além de realizar minha doação, aproveitei para fazer uma pesquisa de campo. No entanto, os primeiros resultados não foram como eu esperava. Buscava uma história impactante, daquelas que transformam e tocam qualquer um que as escute. Mas, ao longo desse processo, percebi que a maioria dos receptores de sangue eram pessoas comuns – crianças, jovens, adultos e idosos – que, em algum momento, receberam um diagnóstico que mudou completamente suas vidas. Eles tinham empregos, famílias, sonhos e frustrações como qualquer um de nós, mas passaram a conviver com a necessidade recorrente de transfusões.

Essa percepção reformulou minha busca. Deixei de procurar um único relato extraordinário e comecei a enxergar a força dessas histórias cotidianas. Como aponta

Consuelo Lins (2004, p. 36), o documentário tem potência justamente ao valorizar sujeitos comuns, permitindo que suas vivências revelam camadas profundas da experiência humana. Foi então que, através do Instagram, encontrei o perfil da Associação Doe Sangue Mariana (ADSM), um grupo que organiza e leva doadores até os pontos de coleta. Foi ali que conheci Marcilene, a primeira personagem do documentário. Ela não apenas me apresentou sua trajetória, mas também esteve ao meu lado na descoberta de outras histórias, pois participou de cada uma das mobilizações que relato neste trabalho.

O próximo passo foi entrar em contato com os personagens. Durante minha trajetória no curso, já enfrentei desafios para conseguir que fontes falassem abertamente comigo. Para minha surpresa, dessa vez, todos se mostraram dispostos a compartilhar seus relatos, mesmo que isso significasse reviver momentos difíceis. Minha pesquisa, então, se voltou para entender como abordá-los de forma sensível e respeitosa. Compreendi que a melhor forma de conduzir essas entrevistas seria em suas casas, próximos de suas famílias, permitindo que o ambiente trouxesse conforto e naturalidade às conversas.

Esse processo não apenas moldou meu documentário, mas também transformou minha própria percepção sobre solidariedade e mobilização social. Cada história contada aqui carrega não apenas um testemunho de vida, mas um convite à reflexão sobre a importância do ato de doar.

3.2. Articulação com os personagens, equipamentos e captação de imagens e sons.

O primeiro passo na perspectiva da pré-produção das filmagens foi acompanhar uma captação de doadores promovida pela associação. Em um dia de coleta, partimos de Mariana às 6h da manhã rumo a Ponte Nova, numa viagem de aproximadamente duas horas. O dia foi especial, marcado por uma energia positiva. Conversei com doadores, funcionários e expliquei o propósito do meu trabalho. Todos foram muito solícitos, permitindo que eu registrasse imagens dentro da sala de doação e acompanhasse de perto um processo que já me era familiar.

Minha ideia inicial era gravar entrevistas dentro do ônibus, mas logo percebi que o ambiente não era o mais adequado devido ao movimento e aos ruídos externos. Decidi, então, focar nas imagens de cobertura, que, posteriormente, enriqueceriam o filme.

O contato com as fontes começou no início de 2025, mas logo enfrentei um desafio: era período de férias, e algumas das pessoas que eu queria entrevistar não estavam em suas cidades. Por isso, no começo de fevereiro, agendei as entrevistas para dois finais de semana

em Mariana. Nesse momento, eu estava morando em Belo Horizonte, onde também fica o meu trabalho.

Um dos desafios durante a captação foi relacionado aos equipamentos. O microfone de lapela que eu havia separado apresentou uma qualidade de áudio inferior à esperada, o que poderia comprometer o resultado final. Para contornar isso, consegui com uma amiga um celular que ela não utilizava mais (Samsung A22) para captar o áudio, enquanto meu próprio celular (Samsung S23) ficou responsável pela captação de vídeo.

A primeira entrevista foi realizada com Marcilene, em sua casa, no bairro Cabanas, em Mariana. Seu relato foi muito enriquecedor e aumentou ainda mais minha motivação para seguir com o projeto, pois ficou evidente o quanto de dedicação estava envolvida na sua atuação.

No dia seguinte à gravação com Marcilene, entrevistei Ises, que compartilhou uma das histórias mais emocionantes que já ouvi na profissão. Em muitos momentos, me emocionei com seu relato. Ela expressou profunda gratidão pela doação de sangue que salvou a vida de seu filho, mas também revelou a dor de saber que ele carregaria sequelas pelo resto da existência.

Luciene foi a terceira entrevistada do final de semana. Ao chegar em sua casa, fui recebida por ela e suas filhas, que brincavam na sala. Durante a conversa, descobri que, poucos dias após dar à luz, Luciene precisou de uma transfusão de sangue.

Após essas entrevistas, retornei a Belo Horizonte para trabalhar e, no fim de semana seguinte, voltei a Mariana para concluir as gravações.

A quarta entrevista foi com Fernando e Elieth, pais do Pedro, de 4 anos. Assim que cheguei, o reconheci das fotos que Elieth já havia compartilhado comigo durante nosso primeiro contato. Pedro brincava com o irmão mais velho quando eu cheguei e ficou curioso com a minha presença, mesmo que ainda tímido para conversar.

Durante a entrevista, os pais relataram o diagnóstico de leucemia do filho, ainda muito novo, e descreveram os momentos difíceis que enfrentaram. Falaram com entusiasmo sobre o dia em que Pedro recebeu 180 doadores e, por fim, compartilharam a boa notícia: a última sessão de quimioterapia aconteceu em dezembro, e hoje, curado, Pedro voltou a ser a criança alegre e feliz que sempre foi.

Depois da gravação, não pude ir embora. Pedro e o irmão insitiram para me mostrar alguns dos brinquedos e me ensinar como usá-los. Ficaram tão interessados no processo de filmagem que me pediram para deixá-los usar o celular para gravar. Eu entreguei o meu celular para um deles que filmava, enquanto o outro me apresentava os brinquedos e ficaram

revezando o equipamento para que ambos tivessem a mesma experiência, um momento bastante especial, principalmente após o relato que eu havia acabado de ouvir.

A última entrevista foi com o Martins, um senhor mais velho que me recebeu em uma casa simples e, com entusiasmo, começou a contar sobre sua rotina como doador, antes mesmo de eu entrar. Falou sobre quando começou a doar e o que o motivou. Precisei interrompê-lo para colocar o celular no suporte para a gravação e ajustar o enquadramento da câmera, e ele, com paciência e bom humor, repetiu tudo novamente.

Um detalhe interessante é que o senhor Martins não usa WhatsApp, que foi o meio principal pelo qual entrei em contato com os outros entrevistados. Com ele, todo o agendamento foi feito por ligação, o que tornou nosso contato ainda mais especial.

3.3. Decupagem, montagem e finalização

A minutagem foi uma das etapas mais desafiadoras do processo, uma vez que três das cinco entrevistas realizadas excederam 50 minutos de duração. Com isso, percebi que, quanto maior a qualidade dos vídeos, melhor seria para a pós-produção e o resultado final. As entrevistas foram gravadas em 8K, e o arquivo da entrevista com Marcilene, por exemplo, tinha 40GB, o que dificultava o trabalho, tornando o computador e o editor extremamente lentos. A mesma situação se repetiu com as outras entrevistas, o que me levou a buscar uma solução alternativa.

Decidi carregar os arquivos em um aplicativo de edição no meu celular, onde estavam os arquivos originais, utilizando o programa CapCut. A partir daí, exportei os vídeos com uma qualidade reduzida (720p), o que me permitiu fazer os cortes necessários para, posteriormente, transferi-los para a nuvem e acessá-los no computador. Com isso, iniciei o processo de minutagem.

Embora todo o material fosse muito enriquecedor, era necessário selecionar trechos que se encaixassem no tempo e roteiros estipulados para o filme. Para isso, transcrevi todas as entrevistas, o que me possibilitou reler e marcar os pontos-chave e conectivos para a edição. Com isso definido, comecei a buscar falas que se conectassem entre si, estruturando um roteiro indicial que facilitaria o trabalho de edição final.

Realizei um primeiro corte bruto, contendo apenas as entrevistas, para ter uma noção do produto final e avaliar o resultado, decidindo o que poderia ser cortado para garantir maior fluidez no filme. Na segunda fase da edição, retirei alguns fragmentos narrativos, acertei o

corte de outros, inclui créditos e comecei a analisar as opções de trilha musical mais adequadas para cada cena. A escolha das músicas foi feita com base no teor do relato, buscando trilhas que acrescentassem valor e ajudasse a estruturar as falas. Alternei entre trilhas mais emocionais e outras com sugestões rítmicas mais animadas, sempre com o intuito de refletir a emoção que o personagem desejava transmitir em cada momento.

Durante esta fase de pós-produção surgiu a ideia de alterar o nome original do documentário: Caminhos que Salvam, que refletia a ideia central do trabalho, que é a jornada transformadora e de salvação proporcionada pela doação de sangue. No entanto, ao longo da produção, percebi que a essência do filme transcende simplesmente a ideia de um caminho para a salvação. O que mais se destacou ao longo das entrevistas e das experiências vividas com os personagens foi a conexão entre as pessoas, a força das relações que são criadas por meio da solidariedade e do altruísmo. Foi então que a ideia de mudança de nome surgiu.

O novo título, *Elos*, reflete com mais precisão o que o documentário transmite: a construção de laços, conexões e vínculos, tanto entre os doadores quanto entre os receptores de sangue, as famílias e as comunidades envolvidas. *Elos* simboliza não apenas as relações interpessoais que surgem da doação de sangue, mas também o impacto dessa ação na vida de todos os envolvidos, criando uma rede de apoio e solidariedade que se fortalece a cada gesto. O nome *Elos* expressa a ideia de que, embora cada ato de doação seja individual, ele cria uma cadeia de apoio e carinho que se espalha, conectando pessoas e criando uma rede que torna possível o enfrentamento das adversidades e, em muitos casos, a superação de momentos de extrema dificuldade. Esses *elos* são fundamentais para a continuidade do processo de doação, formando um ciclo de troca e de cuidado mútuo que vai além da simples doação de sangue. A mudança do nome, portanto, traz uma maior profundidade e simbolismo ao que o filme busca comunicar: as conexões que fazem a diferença na vida das pessoas e a força que essas conexões podem gerar.

Assim, adentramos em mais um corte do filme, que está sendo apresentado para este TCC.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste filme documentário não apenas consolidou minha trajetória acadêmica, mas também representou uma jornada de descoberta pessoal e profissional. Ao

longo de todo o processo, fui desafiada a mergulhar profundamente em uma temática que tem um impacto significativo na sociedade, mas que, muitas vezes, passa despercebida pela maioria das pessoas: a importância da doação de sangue e a mobilização social que ela desperta.

Através das histórias de vida dos doadores e receptores de sangue, busquei mostrar não apenas os desafios enfrentados por essas pessoas, mas também a transformação que o simples gesto de doar pode proporcionar. O contato com as fontes e o acompanhamento das mobilizações da Associação Doe Sangue Mariana me permitiu, de forma científica, prática (e emocional), compreender a real dimensão da solidariedade e o papel vital que a doação de sangue desempenha na vida de tantos indivíduos.

Para minha graduação, este trabalho representou um marco importante, pois exigiu a integração dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Jornalismo, principalmente nas áreas de pesquisa de campo, entrevista, produção audiovisual e edição. A experiência de conduzir entrevistas, lidar com desafios técnicos, como a qualidade deficitária do áudio e a edição do material, me permitiu aprimorar minhas habilidades laboratoriais e práticas, tornando este projeto não só uma experiência acadêmica, mas uma verdadeira imersão no universo do audiovisual e da produção de documentários.

Além disso, *Elos* trouxe à tona a importância da empatia e da responsabilidade social, elementos essenciais não apenas para a formação de um bom jornalista, mas também para o desenvolvimento de uma sociedade mais consciente e solidária. O impacto desse trabalho vai além da conclusão do TCC. Ele me proporcionou uma compreensão mais profunda do papel que a mídia e a comunicação desempenham na mobilização e conscientização das pessoas a respeito de questões sociais cruciais.

Produzir este trabalho sozinha foi um grande desafio, que exigiu disciplina, organização e resiliência. Cada etapa foi conduzida por mim com dedicação e comprometimento, o que tornou essa experiência ainda mais significativa. Apesar das dificuldades, conduzir esse processo de forma individual me fortaleceu como profissional e me encheu de orgulho. Foi, sem dúvidas, uma prova da minha autonomia e da capacidade de transformar uma ideia em um produto audiovisual completo e socialmente relevante.

Em suma, este filme documentário foi uma experiência enriquecedora, que não só consolidou o meu aprendizado, mas também me preparou para o futuro profissional,

permitindo-me acessar a profissão de jornalista/comunicadora com um olhar mais empático, ético e sensível às necessidades da sociedade.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Quatorze em cada mil brasileiros são doadores regulares de sangue. *Agência Brasil*, Brasília, 14 jun. 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-06/quatorze-em-cada-mil-brasileiros-sa-o-doadores-regulares-de-sangue>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

BRAGA, Clara Soares; SILVA, Daniela Brandão do Couto e; MAFRA, Rennan Lanna Martins. Fatores de identificação em projetos de mobilização social. In: HENRIQUES, Márcio Simeone (org.). *Comunicação e estratégias de mobilização social*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

DINIZ, M. A. de V. Estado social e princípio da solidariedade. *Revista de Direitos e Garantias Fundamentais*, [S. l.], n. 3, p. 31–48, 2008. DOI: 10.18759/rdgf.v0i3.51. Disponível em: <<https://sisbib.emnuvens.com.br/direitosegarantias/article/view/51>>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MALHEIROS, Glícia Campanharo; OLIVEIRA, Ana Amélia Silva Teixeira de; PINHEIRO, Camila Biangaman; MONTEIRO, Kamila Nogueira de Oliveira; WILKEN DE ABREU, Annelise Maria de Oliveira. Fatores associados à motivação da doação sanguínea. *Revista Científica da FMC*, v. 9, n. 1, p. 1-12, 2014.

MARTINS, V.; MALIK, A.; DAHER PAULO, R.; JÚNIOR, ÁLVARO; FAGUNDES, A. F. Doação de sangue no Brasil: uma abordagem histórica. *Revista Científica e-Locução*, v. 1, n. 20, p. 25, 26 nov. 2021.

PEREIRA, T. S.; BASTOS, J. L. Doação de sangue entre estudantes de medicina da Universidade Federal de Santa Catarina. *Arquivos Catarinenses de Medicina*, v. 38, n. 2, p. 105-111, 2009.

PEREIRA, R. S. M. R.; REIBNITZ, K. S.; MARTINI, J. G.; NITSCHKE, R. G. Doação de sangue: solidariedade mecânica versus solidariedade orgânica. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 63, n. 2, p. 322-327, mar. 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-71672010000200024>>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SILVEIRA FAGUNDES, Helenara. O voluntariado, a solidariedade e as políticas sociais. *Textos & Contextos (Porto Alegre)* [online], v. 5, n. 2, p. 1-19, 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321527159003>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

SILVA, J. R.; PRAÇA BRASIL, C. C.; MAGALHÃES DA SILVA, R.; BRILHANTE, A. V. M.; CARLOS, L. M. B.; BEZERRA, I. C.; VASCONCELOS FILHO, J. E. Redes sociais e promoção da saúde: Utilização do Facebook no contexto da doação de sangue. *RISTI - Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação*, n. 30, p. 109-111, dez. 2018.

TORO, José Bernardo; WERNECK, Nísia Maria Duarte. *Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VALOR ECONÔMICO. Brasil precisa ampliar número de doadores de sangue. *Valor Econômico*, São Paulo, 12 jun. 2024. Disponível em: <<https://valor.globo.com/patrocinado/dino/noticia/2024/06/12/brasil-precisa-ampliar-numero-de-doadores-de-sangue.ghtml>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFMG, 2010.

LINS, Consuelo. *O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo*. São Paulo: Editora Senac, 2004.

ROUCH, Jean. *A política do documentário*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFMG, 2003.